

Como concretizar e ajudar?

**Em colaboração com a Santa Casa da Misericórdia de Paris,
ao serviço dos portugueses mais carenciados,
vamos preparar o próximo Natal de Jesus realizando esta
obra de misericórdia:**

Convidamos as famílias a oferecerem, na quantidade que desejarem, os seguintes bens essenciais:

- Produtos diversos de higiene pessoal e de casa;
- Infusões, chá, café e chocolate solúveis;
- Arroz e Massas alimentares;
- Azeite e óleos alimentares;
- Sopas em pacote (já prontas a consumir);
- Legumes secos (grão, feijão, lentilhas etc.);
- Leite em pó, bolachas, biscoitos;
- Cereais pequeno-almoço e preparados de puré;
- Conservas de carne / peixe / legumes;
- Açúcar e Farinha;

ATENÇÃO: prazos de validade por 6 meses (sempre que possível).

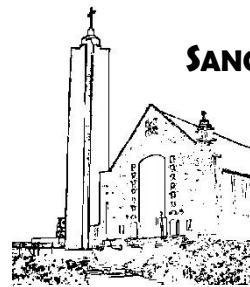
*Por uma questão de conservação e distribuição não podemos
recolher produtos frescos ou congelados.*

A recolha faz-se no Santuário a partir de hoje e até 9 de Dezembro.
Não deixe para o fim. Convide amigos e conhecidos a participar. Catequistas e Jovens recolherão os vossos dons ou pode deixá-los no Acolhimento. (Por uma questão de segurança, não os deixe “abandonados” na igreja ou à porta, sem o referenciar a alguém). **Bem-hajam!**

« BENDITAS as mãos que se abrem para acolher os pobres e socorrê-los: são mãos que levam esperança. BENDITAS as mãos que superam toda a barreira de cultura, religião e nacionalidade, derramando óleo de consolação nas chagas da humanidade. BENDITAS as mãos que se abrem sem pedir nada em troca, sem ‘se’ nem ‘mas’, nem ‘talvez’: são mãos que fazem descer sobre os irmãos a bênção de Deus.» (Papa Francisco)



SÃO MARTINHO E CENTENÁRIO DO ARMISTÍCIO. Com a colaboração generosa e esforçada de adultos e jovens, foi possível de preparar e servir a refeição festiva deste dia a perto de 283 pessoas (adultos e crianças). *Merci!* Bem hajam, também, quem se inscreveu no almoço para ajudar o Santuário! Como representante do Estado português esteve o senhor Cônsul-Geral em Paris, Dr. António Moniz Albuquerque, que nos honrou com a sua presença. Também as crianças da nossa catequese se associaram com uma catequese especial para conhecer melhor S.Martinho e inscrevendo o nome de alguns dos militares portugueses mortos na guerra e que foram colocados no altar.



SANCTUAIRE DE N.D. DE FATIMA-MARIE MÉDIATRICE

48 bis boulevard Sérurier- 75019 PARIS | 01.40.40.22.32

www.sanctuaire-fatima.com | FB: sanctuaire.nd.fatima.paris

sanctuaire.fatima@wanadoo.fr | recteur.ndfatima@orange.fr

ANO XXVIII - nº 18 (1346) – 18 / 11 / 2018

- FOLHA INTERCALAR DE INFORMAÇÃO -

2º Dia Mundial dos Pobres (18.Nov.)

Da Mensagem do Papa Francisco

1. **«Este pobre clama e o Senhor o escuta»** (Sal 34, 7). Fazemos também nossas estas palavras do Salmista, quando nos vemos confrontados com as mais variadas condições de sofrimento e marginalização em que vivem tantos irmãos e irmãs, que nos habituamos a designar com o termo genérico de «pobres». O autor de tais palavras não é alheio a esta condição; antes pelo contrário, experimenta diretamente a pobreza e, todavia, transforma-a num cântico de louvor e agradecimento ao Senhor. Hoje, este Salmo permite-nos também a nós, rodeados por tantas formas de pobreza, compreender quem são os verdadeiros pobres para os quais somos chamados a dirigir o olhar a fim de escutar o seu clamor e reconhecer as suas necessidades.

Nele se diz, antes de mais nada, que o Senhor escuta os pobres que clamam por Ele e é bom para quantos, de coração dilacerado pela tristeza, a solidão e a exclusão, n'Ele procuram refúgio. Escuta todos os que são espezinhados na sua dignidade e, apesar disso, têm a força de levantar o olhar para o Alto a fim de receber luz e conforto. Escuta os que se vêem perseguidos em nome duma falsa justiça, oprimidos por políticas indignas deste nome e intimidados pela violência; e contudo sabem que têm em Deus o seu Salvador. O primeiro elemento que sobressai nesta oração é o sentimento de abandono e confiança num Pai que escuta e acolhe. Sintonizados com estas palavras, podemos compreender mais profundamente aquilo que Jesus proclamou com a bem-aventurança «felizes os pobres em espírito, porque deles é o Reino do Céu» (Mt 5, 3).

(...) Ninguém se pode sentir excluído do amor do Pai, sobretudo num mundo onde frequentemente se eleva a riqueza ao nível de primeiro objetivo e faz com que as pessoas se fechem em si mesmas.

2. O Salmo caracteriza a atitude do pobre e a sua relação com Deus, por meio de três verbos. O primeiro: **«clamar»**. A condição de pobreza não se esgota numa palavra, mas torna-se um brado que atravessa os céus e chega a Deus. Que exprime o brado dos pobres senão o seu sofrimento e solidão, a sua desilusão e esperança? Podemos interrogar-nos: como é possível que este brado, que sobe à presença de Deus, não consiga chegar aos nossos ouvidos e nos deixe indiferentes e impassíveis? Num *Dia* como este, somos chamados a fazer um sério exame de consciência para compreender se somos verdadeiramente capazes de escutar os pobres.

Necessitamos da escuta silenciosa para reconhecer a sua voz. Se nós falarmos demasiado, não conseguiremos escutá-los a eles. Muitas vezes, temo que tantas iniciativas, apesar de meritórias e necessárias, visem mais comprazer-nos a nós mesmos do que acolher verdadeiramente o clamor do pobre. Se assim for, na hora em que os pobres fazem ouvir o seu brado, a reação não é coerente, não é capaz de sintonizar com a condição deles. Vive-se tão encurralado numa cultura do indivíduo obrigado a olhar-se ao espelho e a cuidar exageradamente de si mesmo, que se considera suficiente um gesto de altruísmo para ficar satisfeito, sem se comprometer diretamente.

3. Um segundo verbo é «**responder**». O Salmista diz que o Senhor não só escuta o clamor do pobre, mas também responde. A sua resposta – como atesta toda a história da salvação – é uma intervenção cheia de amor na condição do pobre. (...)

A resposta de Deus ao pobre é sempre uma intervenção salvadora para cuidar das feridas da alma e do corpo, repor a justiça e ajudar a retomar a vida com dignidade. A resposta de Deus é também um apelo para que toda a pessoa que acredita n'Ele possa, dentro dos limites humanos, fazer o mesmo. O *Dia Mundial dos Pobres* pretende ser uma pequena resposta, dirigida pela Igreja inteira dispersa por todo o mundo, aos pobres de todo o género e de todo o lugar a fim de não pensarem que o seu clamor caíra em saco roto. Provavelmente, é como uma gota de água no deserto da pobreza; e contudo pode ser um sinal de solidariedade para quantos passam necessidade a fim de sentirem a presença activa dum irmão ou duma irmã. Não é de um acto de delegação que os pobres precisam, mas do envolvimento pessoal de quantos escutam o seu grito. A solicitude dos crentes não pode limitar-se a uma forma de assistência – embora necessária e providencial num primeiro momento –, mas requer aquela «atenção amiga» (Francisco, Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 199) que aprecia o outro como pessoa e procura o seu bem.

4. O terceiro verbo é «**libertar**». O pobre da Bíblia vive com a certeza de que Deus intervém em seu favor para lhe devolver dignidade. A pobreza não é procurada, mas criada pelo egoísmo, a soberba, a ganância e a injustiça: males tão antigos como o homem, mas sempre pecados são, acabando enredados neles tantos inocentes com dramáticas consequências sociais. A acção libertadora do Senhor é um acto de salvação em prol de quantos Lhe manifestaram a sua aflicção e angústia. As amarras da pobreza são quebradas pelo poder da intervenção de Deus. (...) A salvação de Deus toma a forma duma mão estendida ao pobre, que oferece acolhimento, protege e permite sentir a amizade de que necessita. (...) «*Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo*» (*Evangelii gaudium*, 187).

5. Não cessa de comover-me o caso – referido pelo evangelista Marcos (cf. 10, 46-52) – de Bartimeu, na pessoa de quem vejo identificados tantos pobres. O cego Bartimeu era um mendigo, que “estava sentado à beira do caminho” (10, 46); tendo ouvido dizer que ia a passar Jesus, “começou a gritar” e a invocar o «Filho de David» para que tivesse piedade dele (cf. 10,

47). “Muitos repreendiam-no para o fazer calar, mas ele gritava cada vez mais” (10, 48). O Filho de Deus escutou o seu brado e «perguntou-lhe: “Que queres que te faça?” “Mestre, que eu veja!” – respondeu o cego» (10, 51). Esta página do Evangelho torna visível aquilo que o Salmo anunciava como promessa. Bartimeu é um pobre que se encontra desprovido de capacidades fundamentais, como o ver e o poder trabalhar. Também hoje não faltam caminhos que levam a formas de precariedade. A falta de meios fundamentais de subsistência, a marginalização quando já não se está na plenitude das próprias forças de trabalho, as diversas formas de escravidão social, apesar dos progressos realizados pela humanidade... Como Bartimeu, quantos pobres há hoje à beira da estrada e procuram um significado para a sua condição! Quantos se interrogam acerca dos motivos por que chegaram ao fundo deste abismo e sobre o modo como sair dele! Esperam que alguém se aproxime deles, dizendo: “Coragem, levanta-te que Ele chama-te” (10, 49).

Com frequência, infelizmente, verifica-se o contrário: as vozes que se ouvem são de repreensão e convite a estar calados e a sofrer. São vozes desafinadas, muitas vezes regidas por uma fobia para com os pobres, considerados como pessoas não apenas indigentes, mas também portadoras de insegurança, instabilidade, extravio dos costumes da vida diária e, conseqüentemente, pessoas que devem ser repelidas e mantidas ao longe. Tende-se a criar distância entre nós e eles, não nos dando conta de que, assim, acabamos distantes do Senhor Jesus, que não os afasta mas chama-os a Si e consola-os. Como soam apropriadas a este caso as palavras do profeta relativas ao estilo de vida do crente: «*libertar os que foram presos injustamente, livrá-los do jugo que levam às costas, pôr em liberdade os oprimidos, quebrar toda a espécie de opressão, repartir o teu pão com os esfomeados, dar abrigo aos infelizes sem casa, atender e vestir os nus*» (Is 58, 6-7). Este modo de agir faz com que o pecado seja perdoado (cf. 1 *Ped* 4, 8), a justiça percorra o seu caminho e, quando formos nós a clamar pelo Senhor, Ele nos responda dizendo: Aqui estou! (cf. Is 58, 9).

6. (...) Neste *Dia Mundial*, somos convidados a tornar concretas as palavras do Salmo: «*Os pobres comerão e serão saciados*» (Sal 22, 27). (...)

7. Inúmeras são as iniciativas que a comunidade cristã realiza para dar um sinal de proximidade e alívio às muitas formas de pobreza que estão diante dos nossos olhos. (...) O facto de reconhecer que, no mundo imenso da pobreza, a nossa própria intervenção é limitada, frágil e insuficiente leva a estender as mãos aos outros, para que a mútua colaboração possa alcançar o objetivo de maneira mais eficaz. Somos movidos pela fé e pelo imperativo da caridade, mas sabemos reconhecer outras formas de ajuda e solidariedade (...) desde que não descuidemos aquilo que nos é próprio, ou seja, conduzir todos a Deus e à santidade. (...) Não é de protagonismo que os pobres têm necessidade, mas de amor que sabe esconder-se e esquecer o bem realizado. Os verdadeiros protagonistas são o Senhor e os pobres. Quem se coloca ao serviço é instrumento nas mãos de Deus, para fazer reconhecer a Sua presença e a Sua salvação. (...) *Vaticano, na Memória litúrgica de Santo António de Lisboa, 13 de junho de 2018.*

Francisco, papa.